



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: “Cidades, Campos, Territórios”

“À ESCALA DO LUGAR. LAZER E CONSUMO NA PRAIA DE CARCAVELOS”

ALMEIDA, Pedro Miguel

Mestre em Sociologia (área: Território, Cidade e Ambiente)

CesNova / FCSH-UNL

pedro.m.almeida@fcsch.unl.pt

Resumo

Conhecer o sentido das práticas sociais à escala do lugar permite-nos, de igual modo, atribuir sentidos às vivências quotidianas de um território inequivocamente mais extenso, e denso, como a metrópole de Lisboa.

Decidiu-se enveredar pela escolha de um lugar, Praia de Carcavelos, que pelas suas particularidades reúne o consenso na escolha do seu uso por actores sociais provenientes de diferentes territórios da metrópole, de diferentes segmentos etários e de distintos segmentos no que concerne à estratificação social. Tal deve-se, em nosso entender, à imagem positiva que emana, tornando-se um espaço em que a atractividade desenrola um papel de relevância.

Os tempos de lazer aparecem cada vez mais como exigência de uma sociedade civil, segmentada e ancorada a processos de individualização, ávida por tempos de qualidade desprendidos da esfera laboral. Esses mesmos tempos de lazer querem-se, então, vistos preenchidos por práticas que lhes são específicas e que podem ocorrer em diversas alturas do ano e, inclusivamente, em distintos momentos do dia. Incidiremos portanto a análise não só num lazer diurno, mas também no lazer nocturno, que muito sensibiliza camadas mais jovens.

A ocupação dos tempos livres encontra-se amiúde entrosada com lógicas de consumo, relativamente próprias, às quais nos iremos dedicar, identificando singularidades relativamente às suas tipologias e público alvo.

Abstract

Entailing the meaning of social practices at the scale of place allow us to ascribe meanings to the everyday's life of a wider and much denser territory, such as the Lisbon metropolis.

We choose a place, the Beach of Carcavelos, whose characteristics meet the consensus regarding it as choice for appropriation by social actors from different places of the metropolitan area, diverse in their ages, as well as distinct in their segments regarding social stratification. We believe such is due to the fact of a good image that is emanated, thus becoming a place in which attractiveness plays a decisive role.

Freeing times for leisure is more and more often a demand from a segmented and individualized civil society, eager for quality time detached from the work sphere. But those freed times for leisure must now be filled with leisure related practices, which differ according the various seasons of the year, and even according different times of the day. Therefore we will focus our analysis not only on the so-called leisure by daylight, but also at the nocturnal leisure which is appraisable for younger people.

The spending of leisure times is often knit with logics of consumption, very specific ones, to which we will render our attention in order to identify singularities concerning their typology and target public.

Palavras-chave: Consumo; Lazer; Lugar; Praia
Keywords: Consumption; Leisure; Place; Beach

PAP0963

François Ascher (2010) assere que os territórios virtuais, por muito que tenham vindo a crescer e a cimentar-se na sociedade global, não substituem os territórios reais mesmo tendo em conta diversas profecias nesse sentido, *i.e.*, augurando o fim das cidades. Assim, as cidades reais e as concentrações à escala metropolitana são um facto inapelável que vivenciamos nos dias de hoje. Em opinião paralela, Saskia Sassen (2006) assere que ao invés da dispersão territorial sustentada por analistas e políticos baseados no paradigma da sociedade digital, tecnológica e da informação, existe uma maior concentração populacional em grandes cidades chave a uma escala global. Segundo o relatório das Nações Unidas de 2011 sobre o estado da população mundial, metade dos seres humanos habitam em condições urbanas ou, mais propriamente, em cidades. Este número estabelecido em um para cada dois habitantes tende, assevera, a elevar-se para dois em cada três numa escala temporal estimada em 35 anos (UNFPA, 2011, p. ii). Portugal não foge a esta regra. Segundo os dados provisórios¹ do Instituto Nacional de Estatística (INE), referentes ao Census 2011, no nosso país residem 10.561.614 de indivíduos, dos quais 4.108.975 se encontram concentrados na NUTS II – Lisboa e na NUTS III – Grande Porto que correspondem, respectivamente, às Áreas Metropolitanas de Lisboa (2.821.699) e do Porto (1.287.276).

Todavia, o nosso objecto de estudo coloca-se à escala do lugar, porque, consideramos, conhecer os sentidos das práticas sociais a essa escala possibilita-nos, de igual modo, atribuir sentidos às vivências quotidianas de territórios mais extensos. Neste caso em particular, escolheu-se como laboratório de estudo um lugar integrado na metrópole de Lisboa, Concelho de Cascais e Freguesia de Carcavelos. A Praia de Carcavelos, ou a sua metade mais oriental, emerge assim para o centro do nosso olhar sociológico, com ênfase na análise de práticas sociais associadas – e muitas vezes programadas – ao lazer e ao consumo (Baptista, 2005). Pelo seu cenário e pelas suas características, a Praia de Carcavelos é um lugar privilegiado para uma apropriação quotidiana do espaço em função de vivências de lazer às quais se somam práticas de consumo. Esta apropriação de um espaço que por definição é público, embora algum se encontre concessionado a agentes privados, faz coincidir actores sociais provenientes não só de Carcavelos ou do concelho de Cascais, mas da metrópole de Lisboa em geral. Perante esta asserção, consideramos a Praia de Carcavelos não só como uma praia urbana mas também como uma praia de matiz metropolitano (Martinotti, 1993).

Para procedermos à análise deste lugar optámos, em diferentes momentos, por metodologias diversas que demonstraram ser complementares. A entrada no terreno foi pensada para acontecer de uma maneira o menos intrusiva possível. Para tal, recorreu-se a métodos de pesquisa não interferentes (Lee, 2000), particularmente, e tanto quanto possível, à observação não participante. Esta decisão teve por base o princípio da não reactividade, ou seja, pretendia-se evitar que os actores implicados no objecto de estudo coadunassem a sua conduta pelo facto de estarem cientes da investigação. Contudo, a aparente invisibilidade do investigador no terreno sabia-se à partida impraticável num período de tempo prolongado. À escala do lugar, embora as interacções sociais entre os indivíduos presentes sejam inúmeras e impossíveis de contabilizar, somos muito mais facilmente reconhecíveis, devido à nossa persistência nesse espaço, por outros actores que, trabalhem ou não no local, também se apresentam com presença persistente. Pese embora o carácter volúvel da observação não participante e não interferente, esta apresentou vantagens de monta ao investigador, tanto mais não seja ter-lhe permitido identificar traços e práticas exercidas pelos apropriantes do lugar antes do momento de ‘traição’, momento esse em que pela sua própria presença começa a ser identificado, ainda que em moldes de elevada abstracção, como pertencente ou pretendente a pertencente e a apropriante do lugar. Na fase seguinte a observação passou a ser realizada num contexto de participação mais activa por parte do investigador, em moldes de postura etnográfica, visando tirar o maior partido possível das virtudes reconhecidas do *extended case method* (Burawoy *et al.*, 1991; Burawoy, 2009).

Estabelecemos, no nosso objectivo, a Praia de Carcavelos como um lugar. Lugar significa, e segundo a perspectiva que dele faremos uso neste contexto, um determinado espaço territorial e geograficamente enquadrável, em simultâneo constructo social e produtor de sentidos, com significado e significantes próprios que tanto agregam como distinguem grupos de actores sociais (Crosswell, 2004). Esta modesta definição serve apenas para orientar a percepção do leitor, visto que preterimos de uma definição mais exaustiva em função da análise em profundidade do real vivido, opção e responsabilidade que assumimos sem reserva.

A Praia de Carcavelos encontra-se encaixada, na sua extensão, de cerca de 1,25km, entre o Forte de São Julião da Barra e a Ponta de Rana. Separa-a da Avenida Marginal vários parques de estacionamento vocacionados para o estacionamento de automóveis e o paredão que a acompanha em toda a sua extensão. É ao longo deste paredão que encontramos os estabelecimentos comerciais que servem a praia e que dela, por sua vez, também se servem. Há que estabelecer uma primeira distinção entre os estabelecimentos comerciais. Por um lado, existem aqueles que se encontram no patamar superior do paredão e que nem sempre oferecem uma vista para o mar. Por outro, os estabelecimentos que se alocaram na parte intermédia do paredão, isto é, imediatamente antes dos acessos ao areal, e que se posicionam de frente para o oceano. É nestes últimos estabelecimentos, particularmente nos restaurantes-bar, que centraremos as nossas atenções para a percepção das vivências de lazer associadas ao consumo. Esclareçamos ainda que toda a Praia está assente no chamado espaço público. Os estabelecimentos comerciais edificadas na praia são de facto propriedade de agentes privados. Contudo, a propriedade extingue-se no edificado, sendo que o espaço onde assentam é tão-somente concessionado mantendo-se a posse legal ao cuidado do Estado. É evidente que através do concessão do espaço os proprietários estão no direito de reservar o acesso aos estabelecimentos em conformidade com os seus objectivos e serviços disponibilizados, desde que não violem os termos expressos na concessão. Não existe, portanto, qualquer paradoxo quando asserirmos que todo o espaço é público quando, em simultâneo, consideramos que o acesso a determinados equipamentos é reservado por agentes privados à óptica dos seus interesses. A este espaço público concessionado passaremos a denominá-lo por espaço de uso público, sem prejuízo ao que foi previamente referido. As concessões deste espaço público são negociadas com a Capitania do Porto de Cascais, a entidade responsável pela administração desse território. Os concessionados, que para além do edificado podem também eventualmente contar com a exploração de esplanadas e de zonas já em pleno areal, são inspeccionados anualmente, antes da abertura oficial da época balnear, por elementos afectos à respectiva Capitania (por regra, o chamado Patrão-Mor).

Atendendo agora aos usos do lugar, que tanto cativa actores sociais para usos integrados em lógicas de lazer e de consumo, podemos afirmar que estes são múltiplos, multifacetados e distintos consoante os objectivos de diferentes apropriantes. Convém ainda mencionar que os usos e os utentes variam com as diferentes condições atmosféricas que se verificam ao longo do ano, como também variam com os diferentes períodos do dia, *i.e.*, alternando-se distintivamente o uso diurno do nocturno. Importa então saber quem são os utentes e apropriantes deste lugar, o que os torna singulares face a outros, quem pratica o quê e porquê, de onde são provenientes.

Elencaremos agora algumas das práticas mais comuns neste lugar.

A prática do *jogging*, que consideramos uma actividade lúdica, de cariz desportivo, é regular e constante durante todos os períodos do ano. Praticado independentemente do género e, em certa medida, da idade é uma imagem de marca deste lugar. Esta actividade, prática miscigenada do lazer e do cuidado de si, é possível de ser observada a partir das primeiras horas da manhã, mas é de igual modo visível nas restantes horas do dia, incluindo após o Sol se pôr.

Por norma os praticantes aparecem-nos com indumentária a rigor, implicando o uso de fato de treino, calções e t-shirt ou pólo desportivo, ténis apropriados, que informa o observante de que se encontram naquele lugar, de que o apropriam, em conformidade com uma prática que consideram inequívoca. O seu equipamento é, amiúde, complementado por óculos de sol, águas ou bebidas de alto teor hidratante, bonés, medidores do ritmo cardíaco e/ou de distância percorrida. No caso de indivíduos isolados, é igualmente comum encontrarmos como parte integrante do equipamento leitores compactos de música, o que reforça a importância do sentido do lazer nesta prática. Como afirmámos, os actores sociais que se entregam a esta prática variam tanto no género como na idade, sendo que cada um imprime o ritmo que melhor considera adequar-se a si. O seu espaço por excelência é o passeio do paredão, embora residualmente encontremos alguns praticantes a exercerem a sua actividade de corrida no areal, a maior parte das vezes no que habitualmente se denomina por areia molhada. Neste último caso, os ténis podem ser parte de equipamento preterido. Ainda no areal, alguns destes praticam fazem uso de um pequeno circuito de manutenção aí instalado, em especial de várias barras de elevação. Este acréscimo ao *jogging* já conta com uma distinção quanto ao género e à idade, sendo que a sua apropriação é esmagadoramente efectuada por homens, dos

quais adolescentes tardios ou jovens adultosⁱⁱ. É uma tipologia de lazer que é levada muito a sério: ao longo do período de investigação tornou-se possível familiarizarmo-nos com alguns rostos, rostos de indivíduos possivelmente mais aficionados e que encontramos com facilidade em qualquer estação do ano, inclusive sob condições atmosféricas que desincentivariam os mais cautos. Estamos convictos, tanto por conversas tidas como pelas escutadas, que esta prática quando efectuada por *habitués* é exercida por residentes na freguesia de Carcavelos e territórios adjacentes. Contudo, não são só os residentes que se apropriam do espaço público para a prática desta actividade. Num registo mais pontual, encontramos indivíduos não só residentes mas também visitantes. Esta última tipologia de apropriantes dispersa-se por diferentes épocas do ano, particularmente em dias não muito frios e sem pluviosidade, sendo igualmente menos observados nos dias em que as temperaturas atingem os limites mais elevados. Este grupo tipológico varia também sem grande distinção no que remete ao género e faixa etária.

Outras práticas lúdicas ligadas à ideia de desporto que são executadas no paredão passam pelo uso de bicicletas, patins em linha e *skates*.

No que concerne ao uso de bicicletas no passeio do paredão verifica-se uma apropriação cuidada do espaço (Goffman, 1966; Ledrut, 1973), na medida em que este é essencialmente frequentado por pedestres. Ao contrário do *jogging* é menos observada a sua prática regular no que se refere ao número de executantes. Todavia, isso não implica que não existam praticantes regulares. Inclusivamente há quem se desloque à praia utilizando este meio de transporte, o que é verificável pelo número de bicicletas parqueadas no passeio do paredão, agrilhoadas a postes de iluminação ou outro equipamento com a finalidade de evitar o furto. Contudo entendemos que o seu uso como meio de transporte alternativo lhe retira parcialmente o carácter lúdico, sendo que consideramos como prática efectivamente lúdica o seu uso ao longo do passeio do paredão não atribuível à esfera do trabalho. A actividade de passeio de bicicleta no paredão é efectuada independentemente do género e, ao invés do que por regra acontece no *jogging*, trata-se de uma prática mais gregária, sendo comum visualizar-se praticantes em grupo, incluindo casais acompanhados por crianças. Mais uma vez há as excepções, encontrando-se também praticantes isolados, alguns dos quais com *headphones* nos ouvidos. No que trata ao rigor da indumentária ela é mais livre e casual do que no *jogging*, se bem que o mesmo aparato quanto ao preciosismo em equipamento desportivo, neste caso acrescentando-se, *e.g.*, o uso de capacetes próprios à imagem desta prática, surja de forma esporádica. Similar ao *jogging* é o condicionamento desta prática segundo as condições atmosféricas.

Os usos do *skate* e dos patins em linha, no passeio do paredão, seguem o mesmo raciocínio dos apropriantes em bicicleta no que se refere à informalidade da indumentária utilizada e nos cuidados para com os demais apropriantes. Os executantes destas duas práticas são, regra geral, adolescentes do género masculino no *skate* e adolescentes e jovens adultos de género feminino nos patins em linha. Quanto ao *skate* não se observam indivíduos com traje da prática completo e no que remete para os patins em linha só muito pontualmente se observam indivíduos com protecções adicionais, tais como cotoveleiras, joelheiras e capacetes. Tal como as explanámos, a evidência destas práticas como práticas lúdicas não deixa, no nosso entender, quaisquer reservas.

Concluindo o uso do paredão por apropriantes que o fazem ao nível da fruição, não poderíamos deixar de mencionar os actores sociais, sendo aqueles que surgem na análise em número bem superior aos demais, que nele se deslocam a pé e a ritmos mais moderados. Os indivíduos que se fazem deslocar em passeio nos moldes mencionados são praticamente impossíveis de contabilizar, tendo em conta o seu afluxo massivo que encontra especial incidência durante os dias mais quentes do ano, particularmente nos meses que se seguem à abertura da época balnear. Contudo, os fins de semana arrebatam em quantidade os apropriantes do espaço público relativamente aos dias de semana, mesmo os dias de semana considerados após a abertura da época balnearⁱⁱⁱ. Já em épocas em que as temperaturas são mais baixas e em que a pluviosidade se demonstra manifesta, o uso do lugar decai drasticamente. Aliás, nestas últimas épocas referenciadas, apenas nos fins de semana sem precipitação é que a afluência ao paredão ganha contornos de expressividade. Nesta situação é difícil fazer a distinção entre residente e visitante (Hoffman, Fainstein & Judd, 2003), *i.e.*, indivíduos provenientes de outros territórios da metrópole ou fora dela. O uso que todo este rol de indivíduos faz desta parcela do espaço público tem essencialmente que ver com a fruição do cenário e da paisagem que este lugar

proporciona, ocupando assim tempos livres que têm ao seu dispor. Nestas condições encontramos famílias que se satisfazem por simplesmente estarem a passear num lugar não rotineiro que as cativa, acompanhadas ou não por crianças, sossegadas ou que pelo contrário se entretêm com as suas tropelias; grupos de jovens adolescentes que dão continuidade às suas práticas identitárias específicas e que se desdobram em actividades difusas e até prolixas, como jogos de bola, entre muitos outros que a imaginação fértil lhes sugere, representações cénicas de pancadaria ou, tão simplesmente, entregam-se a conversas e discussões do seu interesse, muitas das quais em simultâneo com o telemóvel, ou a reverberações existenciais muito próprias à idade; casais aparentemente enamorados, sejam miúdos ou graúdos, trocando beijos, abraços e outras mimos enquanto apreciam uma espécie de idílico que os rodeia ou com o qual conjuntamente sonham – é importante realçar, convenhamos, que a única forma de troca de afectos até hoje observada, indiciando excluir a aceitação de outras, é produzida no seio de casais heterossexuais; os que aproveitam para passear consigo o seu animal de estimação, geralmente o cão – cuja possibilidade no plural também sucede; os mais solitários, que aproveitam, *e.g.*, para ir lendo um livro, num ambiente que valorizam. As possibilidades dependem mais da imaginação de cada um do que propriamente de um constrangimento que as condições físicas do lugar possam teimar em infligir.

Os tempos de lazer e a sua relação com o consumo.

Um número considerável de apropriantes deste lugar desloca-se até ao mesmo, já o vimos, por questão da sua boa imagem e atractividade (Lynch, 2003). Tornou-se inequívoco que a atractividade deste lugar, para além das suas características cénicas e paisagísticas, muito deve aos estabelecimentos comerciais presentes. Nas palavras de alguns entrevistados e proprietários destes espaços, estes são fundamentais na engrenagem do sucesso do lugar. Como sociólogo há que saber desconstruir os discursos das nossas diversas fontes. Todavia, e pelo que o trajecto empírico nos demonstrou, somos levados a anuir que desempenham um papel de relevo na sua animação e capacidade de atracção.

Provavelmente uma das primeiras imagens que se nos desponta na mente quando pensamos em lazer e consumo na praia é a das esplanadas dos restaurantes/bares/cafés, usando uma expressão coloquial e popular, ‘a abarrotar de gente’. Apesar desta compreensão derivar do senso comum, não é toda ela fraudulenta. Tal como os outros usos do lugar que até aqui elencámos e analisámos, também o dos restaurantes, bares e cafés padece de semelhante problemática: os clientes variam conforme a constância ou inconstâncias das condições climáticas, também eles variam consoante o período do dia.

Concentramo-nos, neste texto, nos estabelecimentos comerciais que ladeiam o paredão e que estão directamente voltados para o Atlântico. Destes destacamos dois restaurantes, dois restaurantes-bar e um *beach bar* com funcionamento similar a uma discoteca. Os restaurantes que destacámos apostam na cozinha internacional, japonesa e italiana. Estes espaços sofrem de uma menor variação no que respeita às condições do clima, todavia são bastante sensíveis à dinâmica da dicotomia dias de semana/fim de semana. As práticas que lhe estão associadas são bastante estreitas, visto que os clientes os procuram pelo serviço específico que oferecem, abandonando-os após consumada a refeição, que segue regras de etiqueta pouco flexíveis. Exactamente por terem um cariz lúdico menos marcante que os restantes estabelecimentos não nos iremos aprofundar a seu respeito.

Passando para o *beach bar*, este encontra-se aberto quatro dias por semana: nas quartas e quintas o período de abertura respeita um intervalo das vinte e três horas às duas da manhã; nas sextas e sábados esse período é consideravelmente dilatado, com um intervalo entre as vinte e três horas e as seis da manhã. O seu público assenta essencialmente em jovens adultos e existe algum rigor no que trata à indumentária, favorecendo-se uma etiqueta mais formal ou, como anunciam no seu *website*, elegante. É o estabelecimento com política mais rígida no que toca ao direito de admissão. Não nos iremos deter muito mais na explanação das vivências deste estabelecimento, já que estas não são dissemelhantes a muitas outras que encontramos em estabelecimentos do género. A proximidade do areal e da frente de mar, para onde também tem vista, contribuem grandemente para a atractividade do estabelecimento e para a sua capacidade de distinção face a outros do mesmo género. Consegue angariar alguns clientes habituais, mas a rotatividade dos actores sociais que usam o espaço impõe-se como regra.

Cremos que mais interessante para este texto em particular é a análise das vivências e dos seus significados que ocorrem nos dois restaurantes-bar que destacámos. Mantendo o mote, o uso destes estabelecimentos está sujeito à (in)constância dos elementos e à dicotomia dia/noite. É durante a época balnear que atingem o auge em clientela. Retomando a imagem das esplanadas ‘a abarrotar de gente’, é de facto o que sucede nos dias de maior calor, em particular nos meses normalmente consagrados a férias nos fins de semana.

Os meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro são aqueles em os actores sociais acorrem a este lugar de forma mais expressiva, que neste caso é o mesmo que dizer massificada. Utilizámos o termo acorrer não de forma ingénua: é no decurso destes meses que muitos actores sociais se encontram libertos dos tempos de trabalho, refugiando-se neste lugar, substituindo no seu quotidiano a rotina do horário laboral por outra, que lhes permite uma maior dedicação a práticas lúdicas e não obriga a tantos constrangimentos, pelo menos de forma aparente – na realidade outros constrangimentos surgem, *e.g.*, decorrentes do *stress* de não vir a aproveitar convenientemente tempos libertos da esfera do trabalho.

Durante este período, mas principalmente nos meses de Julho e Agosto, a praia atinge regularmente a sua carga máxima. Durante a manhã e a tarde o areal é ocupado com extrema densidade e as toalhas de indivíduos ou grupos de indivíduos sem relação entre eles quase se sobrepõem, alguns típicos jogos de praia (*e.g.*, com bolas, raquetes, *frisbees*) são virtualmente impraticáveis e até mesmo as escavações/construções na areia por crianças, adjuvadas ou não por adultos, se tornam fortuitas. Pode ser praticado *volley* e futebol nas suas modalidades de praia, entre outras actividades lúdico-desportivas, numa parcela do areal onde se vêem montadas três redes de *volley*, balizas metálicas e outros equipamentos. Existem igualmente na extremidade ocidental algumas redes para a prática de *volley* de praia. Todavia, mesmo com toda a boa vontade, este equipamento, sempre bastante solicitado, não consegue servir senão uma parcela de utentes de uma praia com uma carga máxima elevada.

Quem são afinal estes apropriantes? De onde provêm? Em primeiro lugar, quem não são. Pelos relatos que fomos recolhendo mediante recurso a diferentes informantes, não são os utentes habituais e recorrentes da praia que se apropriam do lugar durante todos os outros meses do ano. A explicação deste fenómeno não é complexa: os utentes habituais, particularmente os que residem em Carcavelos, não se revêem nem se identificam na multidão que se apropria da praia e que, sustentam, descaracterizam (e porque não, desclassificam) o lugar; afirmam que, no Verão, aquela não é a praia deles. Este facto remete para o fenómeno que explica as consequências do choque entre visitantes e residentes, sendo que estes últimos alegam um sentimento de não pertença pelo facto de os seus espaços terem ficado absolutamente descaracterizados e pautados por uma sensação de estranheza que, por isso mesmo, os tornam não passíveis nem apetecíveis de utilização.

Passemos à afirmativa. Os ‘novos’ apropriantes derivam de variados territórios da metrópole, são heterogéneos em relação à idade, sexo e segmento social. Da parte da manhã, por exemplo, a praia é assomada por diversos grupos de crianças inscritas em colónias de férias; são facilmente identificáveis pelo aparato do seu elevado número de indivíduos, pelos caracteres distintivos que simultaneamente os arredam dos demais e que os tornam ‘um’ sob a mesma ‘bandeira’ identitária, fazendo lembrar os constrangimentos impostos pelo que Goffman (1961) denominou instituição total, indivíduos sob a tutela (e a ordem) de um número de monitores e responsáveis que partilham com eles o mesmo fardamento identitário, muitas das vezes assentes na cor que é complementada por uma insígnia e que os rotulam iguais entre eles e diferentes do outro (Becker, 1963); apropriam-se da praia em si, não fazendo uso dos serviços dos estabelecimentos. Abandonam o local, invariavelmente, antes ou durante a primeira hora da tarde.

Igualmente são comuns apropriantes grupos de jovens adolescentes e de adolescentes tardios, libertos das obrigações escolares ou académicas. Também os adolescentes, quer de período mais imberbe ou mais tardio, raramente aparecem isolados, preferindo a deslocação gregária. Na maioria, estes não aparentam pertencer a segmentos de classe mais abastados, antes a segmentos médios, médios-baixos da chamada classe média ou até mesmo a segmentos mais desfavorecidos. Não são, igualmente, consumidores privilegiados, pese embora, ainda que pouco, já consumam no comércio do lugar.

Todavia, a maior porção de apropriantes desloca-se segmentada, em número reduzido, como disso são exemplo as abundantes famílias nucleares. Deslocam-se à praia em lazer para usufruir de banhos de sol e de mar (Urbain, 2002). Pela nossa observação são oriundos de segmentos sociais similares aos que identificámos nos grupos de jovens. Destes apropriantes há os que são residentes em Carcavelos e adjacências, poucos provenientes de outras áreas geográficas do país e, finalmente, os que nos parecem ser evidentemente preponderantes e que vêm de distintas zonas da metrópole lisboeta, com especial incidência na Grande Lisboa (os grupos de jovens também se enquadram nesta perspectiva de mobilidade).

Apenas uma pequena e quase residual parcela dos utentes da praia provém do exterior, *i.e.*, não de Portugal. A Praia de Carcavelos não é, então, um destino turístico com procura representativa. Contudo, é evidente que, embora em número diminuto, reconheçamos nas vozes de alguns actores sociais o idioma espanhol, alemão e inglês. Para além das diferenças fonéticas decorrentes de um idioma que não o nosso, que captam a atenção, a sua maior visibilidade decorre mais do facto de comumente serem economicamente mais capitalizados, marcando, por isso, uma presença nos espaços de consumo que ilusoriamente desencadeia um fenómeno pelo qual aparentaram ser mais do que efectivamente são, ou seja, distorcendo a percepção face ao seu número absoluto real.

Como explicar, então, a afluência de actores sociais que lotam tanto as esplanadas como o interior dos restaurantes-bar? O cliente de Verão é um cliente mais ocasional, referem os proprietários, o que significa fortuito e casual. Não se trata de um cliente frequente que reiteradamente use os serviços dos estabelecimentos. Remete para indivíduos cuja apropriação dos espaços de uso público é incerta e até imprevisível, estando ausentes critérios de escolha nas quais participem ponderação, conhecimento de causa da qualidade de atendimento e dos produtos, e em que a imagem identitária do estabelecimento de nada ou pouco importa. A sua racionalidade assenta no imediatismo em função da rápida satisfação dos seus anseios. Se um estabelecimento está integralmente preenchido desloca-se sem delonga a outro qualquer nas proximidades fitando a célere satisfação de consumir o desejo de obter mesa para si, e se caso disso, para os seus, não observando nenhuma outra lógica mais complexa. Caracteriza-se pela entropia e hedonismo. Está, por assim dizer, nos antípodas do consumidor fidelizado, é o seu antónimo.

Em horário nocturno o cliente ocasional miscigena-se com o cliente habitual, que regressa aos seus locais de estilo – o que implica impreterivelmente a mitigação, no seio seu esquema mental, do impacto provocado pela presença do visitante fortuito. Porém, *habitués* ou não, um impressionante número de actores sociais apropria-se tanto do espaço público como dos espaços de uso público, preenchendo-os à beira da sua exaustão. Centenas de indivíduos calcorreiam o trajecto do paredão, amiúde à batuta do encontrão (Pais, 2010). Os funcionários dos restaurantes-bar – não raro coadjuvados pelos proprietários – não têm mão a medir, ligeiros no *métier* pelo hábito, e afadigam-se para corresponder às solicitações dos utentes que esgotam a carga dos estabelecimentos. Cafês, águas, imperiais, batidos, *cocktails*, alimentos de confecção rápida, toda esta panóplia de pronto a consumir apodera-se dos topos das mesas ou distribui-se pelas mãos de indivíduos em pé.

De Janeiro a Maio e de Outubro a Dezembro.

Neste período os usos do lugar decrescem com acervo. É igualmente o período em que a apropriação tanto dos espaços públicos como de uso público mais depende da variação dos determinantes climáticos. Um número considerável de estabelecimentos opta por encerrar portas, não estando ao dispor do público por intervalos que, somados, chegam a superar os seis meses. Outros decidem-se por trabalhar apenas ao fim de semana, ou abrem ao público nos dias de semana exclusivamente regulados pela lógica de restaurante, servindo refeições ao almoço e jantar. Apenas um restaurante-bar faz perdurar inexoravelmente um horário continuado, encerrado, por uma política de opção, tão-somente dois meios-dias/ano.

Em regime diurno os apropriantes destes espaços de uso público são geralmente jovens adultos e adolescentes que frequentam as escolas de *surf*. O horário de almoço apresenta-se aos actores sociais apropriantes, costumeiramente jovens adultos inseridos no mercado de trabalho, como *leitmotiv* para uma refeição num espaço cénico que lhes agrada fruir, algumas das vezes refeições de carácter rápido que ainda permitem uma breve mas prazenteira prática de *surf*. Não há, portanto, qualquer espanto em encontrar nestes

momentos clientes tipicamente regulares. Provêm essencialmente das áreas de Carcavelos e limítrofes, de Oeiras, com especial incidência no Taguspark e Algés, e ainda de algumas áreas da cidade de Lisboa. Reitera-se, uma vez mais, o carácter metropolitano do nosso lugar. Em termos de apropriação diurna, este é o momento mais rentável para os estabelecimentos.

No que concerne à apropriação nocturna dos espaços de uso público, o cliente habitual volta a desempenhar um papel de relevo. Os dias de semana apresentam uma afluência notoriamente inferior àquela encontrada nos fins de semana, facto a que a tipologia do cliente médio, jovens adultos dos quais um grande número com responsabilidades laborais, não está alheia. Manifestam tendencialmente a sua presença em pequenos grupos ou em pares, casais ou não, sendo excepção os que continuam a apropriar o espaço após jantares de grupo, que carecem de marcação prévia. Outra estratégia encontrada para angariar e fidelizar clientes passa pela instituição de noites temáticas, numa lógica de clara distinção para com os dias ditos ‘normais’. O investimento em noites temáticas é um ritual recorrente e imagem de marca dos estabelecimentos, e.g., música *jazz* ao vivo e sessões de *karaoke*. Estes eventos repetem-se sistematicamente ao fim de semana e proporcionam uma casa bem composta, se não mesmo lotada, pelo menos no interior do estabelecimento, caso a precipitação, o acentuado arrefecimento da temperatura e/ou ventos agrestes ‘encerrem’ as esplanadas. Novamente, os clientes que ‘fazem’ a casa são por hábito indivíduos entre os vinte e os trinta e cinco anos que se deslocam em grupos de curta dimensão ou em pares. De notar que produtos disponibilizados para consumo sofrem uma inflação do preço à noite.

Apesar das graves condicionantes económicas derivadas da crise na qual a Europa se encontra imersa, a maioria dos proprietários mantém um discurso optimista e veicula que a perda de rendimentos nos seus negócios não têm sofrido um revés inquietante, embora seja verificável.

Estes meses são também os de excelência para a prática de desportos como o *surf*^{iv}, *bodyboard*, *windsurf* e *kitesurf*, com a tónica a acentuar-se no primeiro, para as quais a Praia possui condições naturais ímpares. Na realidade, uma das componentes identitárias da Praia de Carcavelos é a prática de *surf*. Trata-se da praia da Grande Lisboa onde mais se pratica esta modalidade.

Encontramos inclusivamente na Praia estabelecimentos dedicados ao ensino desta prática, ou seja, escolas de *surf*. O *surf* tem um índice de penetração de tal forma relevante que é necessário reconhecer uma sub-cultura *surfer* (Strander, 2011).

À excepção de eventos extraordinários, como o “Cascais Surf à Noite”, que reuniu profissionais, amadores ou simplesmente aficionados e que atraiu a atenção dos *média*, o *surf* é uma prática vivida que depende da existência da iluminação natural. Dos dez aos quarenta anos, o *surf* conta com bastantes adeptos a praticá-lo e exige um reportório de equipamento básico que envolve a interacção de variados materiais como a prancha e conveniente capa, o fato, *wax*, *leash* para impedir o afastamento da prancha no mar, entre outros. Existe nas praias, incluindo na de Carcavelos, uma rede de câmaras integradas na *Web*, que permitem aos surfistas consultar a qualquer momento e em tempo síncrono o estado do mar, de modo que afirmam se este se encontra ou não em boas condições para a prática.

A Praia de Carcavelos demonstrou ser um território de elevado interesse para a análise sociológica, cuja pertinência analítica não se esgota nas práticas lúdicas nem nos fenómenos de consumo. Desde o início da investigação viemos a constatar que toda esta vivência quotidiana neste lugar acontece quase sempre, ou de forma praticamente invariante, sem grande sobressalto ou incómodo, embora saibamos e corroboremos que a tendência mormente aceite seja a do paradigma da vida fragmentada (Bauman, 2007) à qual se acresce o aceleração nas nossas vidas (Pais, 2010) e se enfatizam os condicionamentos resultantes da incerteza (Beck, 2009), numa sociedade dita Global, do Conhecimento e do Consumo (Ransome, 2005). No lugar que examinámos e que tentámos conhecer quanto ao sentido das suas práticas e vivências, explicando-as compreensivamente, a desordem e/ou a anomia são excepção, mesmo numa sociedade, como fizemos toda a questão de mencionar, cada vez mais fragmentada e individualizada, cada vez mais permeável à incerteza e ao risco.

BIBLIOGRAFIA

- Ascher, François. (2010). *Novos princípios do urbanismo seguido de Novos compromissos urbanos. Um léxico*. Lisboa: Livros Horizonte
- Baptista, Luís Vicente. (2005). Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaando um ponto de partida. *Forum Sociológico* (2ª Série), Lisboa, 13/14, 47-58.
- Bauman, Zygmunt. (2007). *A vida fragmentada. Ensaaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água
- Beck, Ulrich. (2009). *Risk society. Towards a new modernity* (reprinted). London: Sage
- Becker, Howard. (1963). *Outsiders. Studies on the perspective of deviance*. New York, NY: Free Press
- Burawoy, Michael *et al.* (1991). *Etnography unbound. Power and resistance in the modern metropolis*. Berkeley, Los Angeles, CA: University of California Press
- Burawoy, Michael. (2009). *The extended case method. Four countries, four decades, four great transformations, and one theoretical tradition*. Berkeley, Los Angeles, CA: University of California Press
- Crosswell, Tim. (2004). *Place. A short introduction*. Malden, MA: Blackwell
- Goffman, Erving. (1961). *Asylums. Essays on the social situation of mental patients and other inmates*. New York, NY: Anchor Books
- Goffman, Erving. (1966). *Behavior in public spaces. Notes on the social organization of gatherings*. New York, NY: Free Press
- Hoffman, Lily M., Fainstein, Susan S., & Judd, Dennis R. (2003). *Cities and visitors. Regulating people, markets, and city space*. Malden, MA: Blackwell
- Ledrut, Raymond. (1973). *Les images de la ville*. Paris: Anthropos
- Lee, Raymond M. (2003). *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Lisboa: Gradiva
- Lynch, Kevin. (2003). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70
- Matinotti, Guido. (1993). *Metropoli. La nuova morfologia della città*. Bologna: Il Mulino
- Pais, José Machado. (2010). *Lufa-lufa quotidiana. Ensaaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Ransome, Paul. (2005). *Work, consumption & culture. Affluence and social change in the twenty-first century*. London: Sage
- Sassen, Saskia. (2006). *Cities in a world economy* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press
- Stranger, Mark. (2011). *Surfing life. Surface, substructure and the commodification of the sublime*. Farnham, Surrey: Ashgate
- Urbain, Jean-Dider. (2002). *Sur la plage. Moeurs et coutumes balnéaires (XIXe-XXe siècles)*. Paris: Payot & Rivages
- UNFPA. (2011). *State of world population 2011. People and possibilities in a world of 7 billion*. New York, NY: Author.

ⁱ Última actualização dos dados provisórios a 7 de Dezembro de 2011. Fonte: INE.

ⁱⁱ Intervalos considerados neste texto nos grupos etários de adolescentes e de jovens adultos: jovens adolescentes – [10-15[anos de idade, adolescentes tardios [15-20[anos; jovens adultos [20-35] anos.

ⁱⁱⁱ Regra geral, a abertura da época balnear em Portugal ocorre a 1 de Junho; Todavia, a Câmara Municipal de Cascais antecipa-a no concelho, desde 2009, para o dia 1 de Maio.

^{iv} O *surf* é praticável durante todo o ano, dada a existência na praia de corredores que lhe são exclusivamente dedicados. Todavia, a falta de ondas propícias à modalidade durante o Verão desencoraja os praticantes.